



LITERATURA CONTEMPORÂNEA
MOACYR SCLiar: FICÇÕES DESENCADEADAS POR NOTÍCIAS DO COTIDIANO

Por Lucimara da Silva de Souza¹

Introdução

Quando se estuda pós-modernismo, não se deve considerar um período fechado como uma escola literária ou um movimento qualquer nas artes em geral. Trata-se de um fenômeno bastante abrangente que aproxima essas artes do mundo do homem moderno, seja na história, na política ou na economia.

As manifestações são influenciadas pela tecnologia e pela mídia e são indiscutivelmente híbridas. Erudito e popular se entrelaçam. Não há limites dividindo estilos artísticos. O que se vê é a pluralidade e a contradição em textos, inclusive, que dão margem a diferentes interpretações. As obras dos escritores pós-modernos trazem em evidência muitas características dessa fase. Muitos deles escrevem até hoje e se renovam de acordo com o tempo presente.

Dentre esses artistas, pode-se citar Moacyr Scliar, que faleceu este ano, 2011, aos 73 anos. Trata-se de um nome bastante conhecido e respeitado no campo literário - nacional e internacional.

O escritor nasceu em Porto Alegre, filho de imigrantes da Rússia, e, desde muito cedo, esteve em contato com a literatura. Ouvia histórias dos pais e, ainda pequeno, já escrevia seus relatos que derivavam de suas aventuras na escola, das idas para a praia, das cenas imaginárias, dentre outras que constituíam o ponto de partida para a carreira de escritor que tão bem traçou. Aos 25 anos já era um médico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo se especializado, pouco tempo depois, em Saúde Pública. Em 1962, ano em que saiu da universidade, foi também quando publicou seu primeiro livro: "Histórias de um Médico em Formação".

Em 1963 passou a atuar na profissão e fez residência em clínica médica. Depois vieram casamento, o filho e os rumos da trajetória profissional e literária.

O livro de contos "O Carnaval dos Animais", publicado em 1965, foi por ele considerado sua primeira obra literária. Depois desta, Scliar publicou dezenas de obras em diversos gêneros

¹ Especialista em Comunicação: linguagens midiáticas, Centro Universitário Barão de Mauá, professora na rede municipal de Cravinhos – CEP 14140-000 – Cravinhos – SP – Brasil – E-mail: lucimaras_souza@yahoo.com.br

literários, heterogeneidade rendeu prêmios como o Jabuti, um importante prêmio literário brasileiro, e a cadeira número 31 da Academia Brasileira de Letras.

Seu trabalho foi reconhecido também no exterior, tendo sido traduzido para mais de 10 idiomas.

O autor traz em sua temática a medicina, o socialismo, a vida da classe média e a imigração judaica na sociedade moderna do Brasil, expondo, dentro desse universo, sua visão da condição humana e da realidade social, na maioria das vezes seguida de uma crítica.

O fato de ter sido filho de imigrantes e ter se tornado médico o fez enxergar com outros olhos a realidade da sociedade. O olhar para as pessoas menos desfavorecidas ou que sofrem preconceito em diferentes modalidades. O colocar-se no lugar do outro, especialmente, também servia de apoio para suas criações.

Quando se fala em literatura e medicina como duas atividades indissociáveis, o autor revela que ambas constituem uma interface fértil, pois são atividades que têm em comum o interesse pela condição humana; se complementam. A experiência médica oferece muito para a atividade literária, e esta última desenvolve uma sensibilidade que a medicina tende a perder por seu aspecto tecnológico.

Scliar, conforme já mencionado, tem uma obra muito vasta e variada. Ele foi contista, romancista, ensaísta e cronista, e a tradição judaica, segundo ele, foi um fator a favor de sua paixão por literatura.

E é como cronista que ele será abordado nessa breve dissertação, exclusivamente com ênfase em textos publicados, a partir do ano 2000, na Folha de São Paulo, jornal do qual foi colaborador de 1993 até um mês antes de sua morte, em 2011.

O autor e sua crônica

Forma literária do bate-papo informal, como bem define Scliar (2010), a crônica agrada aos leitores porque tem um estilo menos denso, curto, cheio de criatividade e dinamismo. Embora com marcas de subjetividade, não há rebuscamentos na linguagem e, em sua maioria, trata de assuntos da atualidade. É isso que o leitor moderno aprecia: leitura rápida, inteligente, na qual ele se identifique.

Segundo ele, é um gênero eminentemente brasileiro, como se fosse um prolongamento de um bate-papo sem cerimônias, comentário irônico e às vezes lírico, sobre a realidade.

De 1993 a 2011, Moacyr Scliar foi colaborador do jornal Folha de São Paulo. Ali, publicava crônicas de ficção com ideias extraídas de uma notícia já veiculada pelo referido meio de comunicação.

A reportagem-base para suas produções não era a matéria forte de uma edição, mas através do imaginário, nas entrelinhas dos fatos menos relevantes o autor atingia, com

naturalidade, seu objetivo: fazer o público parar e, atento, ler, refletir e construir seu julgamento sobre um determinado assunto.

Com um toque de fantasia, imaginação, dava sabor a essas criações.

A cada publicação, uma surpresa aproximava as pessoas, gerando uma cumplicidade que as instigavam, deixando-as ansiosas à espera do próximo texto. Primeiro a notícia, depois a crônica, produzida numa relação intertextual – característica da literatura contemporânea. Um trabalho desafiador, que continuamente vinha aliado à qualidade exigida pelo veículo de comunicação.

Foi assim que o escritor contemporâneo entreteve, propôs reflexão e immortalizou histórias corriqueiras. Immortalizou porque entre seus textos há narrativas atemporais. Histórias consistentes – que cumprem um importante papel social – passíveis de serem lidas e interpretadas sem conhecimento prévio de seu ponto de partida, a notícia do jornal.

Na crônica *Memórias póstumas de um cadáver em Ipanema*, de 16/1/2006, por exemplo, Scliar teve como suporte uma matéria da Folha Cotidiano de 2 dias antes (14). Esta trazia a nota de um cadáver que havia sido encontrado e ficado estendido por seis horas na praia de Ipanema, a principal praia da zona sul do Rio.

A surpresa no primeiro contato com o texto é em relação ao título, que fisga a atenção do leitor, remetendo-o à obra machadiana *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que um defunto se torna autor e narra sua vida a partir da morte.

Na referida crônica, o defunto igualmente ganha “voz”. Relata sua satisfação pela realização de um sonho: a praia de Ipanema. Até a morte não tinha estado por ali para se divertir. Destoava do local porque era de família economicamente desfavorecida, e, com a vida difícil, a saída foi o mundo do tráfico, de onde saiu morto. E só então, depois de morto, seu sonho teria deixado de ser só sonho.

Realmente, não posso me queixar do Destino: acabei realizando meu sonho. É verdade que isto só aconteceu depois da morte, mas a maioria das pessoas nem isto consegue. O meu sonho? A praia de Ipanema. Nasci e cresci na favela do Vidigal, ali perto. Muitas vezes passei pela praia, cheia de gente bonita, elegante, famosa. Nesses momentos eu entendia por que Ipanema é famosa em todo o mundo. O que só fazia aumentar minha admiração. (SCLIAR, 2006)

Existe aí a problemática social fortemente abordada. Um jovem, sem perspectivas, escolhe um caminho sem retorno. Morto, é jogado ao mar e vai parar na famosa praia de Ipanema. Estendido na areia, com o corpo coberto por um plástico, seu estado não causa compaixão, não muda a rotina do local. O descaso com o homem enquanto ser humano fica evidente. Pode-se falar, neste caso, em individualismo, uma das características bem acentuadas do pós-modernismo.

“As pessoas continuam ao sol, jogando bola, conversando, tomando banho de mar. Ainda há pouco disse um rapaz, perto de mim: ‘Fazer o quê? As férias são curtas e temos de nos divertir de qualquer jeito’”. (SCLIAR, 2006)

Com criatividade, bom humor e singular sarcasmo, Scliar, ao criar uma situação inusitada em torno de uma tragédia, alivia o mal-estar motivado pelo choque da notícia dada pelo jornal. Ele dá a voz ao cadáver que, por sua vez, somente explicita a satisfação por ter realizado seu desejo, não se queixando do destino.

Importante citar que o personagem não tem nome. Não tem identidade ou algo que o individualize, podendo ali estar representando qualquer outra pessoa que vive a problemática social abordada.

O cenário é o Rio de Janeiro e a situação ocorrida na praia de Ipanema é tão comum quanto o tráfico e os crimes organizados que lá existem até hoje. A crítica está clara. A cidade maravilhosa tem uma bela praia que agora não é só paisagem para pessoas bonitas, é consolo, assunto para memórias póstumas. Isso porque o crime está banalizado, assim como os valores e a própria vida.

O tema é bem contemporâneo e, cinco anos depois, o que se lê, vê ou ouve sobre Rio de Janeiro ainda não mudou.

E tantas outras histórias reais são transformadas em narrativas ficcionais, pois Scliar foi um autor que escrevia todos os dias, sem rituais, em qualquer lugar. Fez isso até sua morte. Moderno a ponto de carregar consigo um *lap top*, não havia limitações de temas para abusar de seu poder criativo.

Para ele, a inserção social da literatura é importante na medida em que reflete a realidade de um tempo, de um grupo, de um país. E foi isso que buscou o tempo todo.

Outro texto com assunto bastante atual, é o *A cor dos nossos juros*, no qual é retratada a questão do preconceito racial. A base foi uma matéria do caderno Folha Dinheiro que dizia “*Negro que compra carro nos EUA paga juro mais alto*”, de 05/7/2001.

É com um tom irônico peculiar que Scliar atinge seu objetivo: fazer o leitor pensar sobre a questão do racismo.

Solicitou-se a ajuda de técnicos. Depois de muitas pesquisas, um aparelho foi criado, e recebeu o nome de colorímetro-jurômetro. Basicamente tratava-se de uma célula fotoelétrica capaz de “ler” a cor da pele do cliente, distinguindo-a entre as mais de trezentas tonalidades. Mediante um simples programa de computador, o resultado era transformado em um número, expressão da taxa de juros no financiamento. Nada pessoal, portanto. (SCLIAR, 2001)

Em revendas de automóveis, quanto mais escura fosse a pele do cliente, mais alto seria o juro pago por ele no ato de sua compra. Isso era definido pelo aparelho que “lia” a cor da pele, distinguindo-a entre mais de trezentas tonalidades. Indivíduo negro, portanto, é o que pagaria o juro mais alto.

A história causa riso por ser essencialmente absurda. O absurdo que enseja a crítica social, a crítica à irracionalidade do comportamento humano.

Observa-se que as fantásticas crônicas de Moacyr possuem, às vezes, temas inimagináveis. E todas elas trazem após o título um trecho da matéria-base, com caderno e data de publicação.

Do casal que vive um casamento virtual, ou da menina morta há tempos matriculada na rede pública, até o homem que troca de mulher por causa de um sofá de dois lugares, Moacyr Scliar revela a sociedade contemporânea.

Isso ele faz até seus últimos dias de vida, quando envia para a Folha o texto *Lágrimas e testosterona*, escrito com base em uma notícia de 7 de janeiro de 2011, que trazia a relação das lágrimas femininas com a diminuição do nível da testosterona do homem. Scliar aproveita o tema para, com seu humor envolvente, falar de comportamento humano e da fragilidade desse homem moderno.

De modo geral, sua ficção se une à realidade e traz uma mensagem de significativo valor ideológico ao ambiente contemporâneo, um espaço onde o homem tem valores subvertidos, onde, também, ideologias - modismo, consumismo, materialismo, hedonismo, relativismo, permissivismo, individualismo - passam a fazer parte de sua vida.

É por isso que, para cutucar esse homem moderno, o autor instala valores artísticos na tolice do dia-a-dia. Para atingi-lo, tira proveito de sua vulnerabilidade nesse ambiente confuso e inconsistente, de valores efêmeros e sem solidez, repleto de pessoas sem personalidade definida.

Os cinco textos selecionados para compor o anexo deste trabalho trazem, portanto, a temática dessa literatura contemporânea. A vida moderna regida pela tecnologia, o descaso para com o dinheiro público, a banalização da vida, o individualismo, o preconceito, a fragilidade humana. São críticas explícitas ao governo, ao comportamento humano, produtos de textos concisos e temperados com sarcasmo e humor, trazendo mensagens expressivas que complementam, de forma muito positiva, histórias de vidas reais.

Considerações finais

Scliar contou muitas histórias imaginárias que estavam encobertas na realidade do jornal. Muito mais do que simplesmente observar, ele utilizava a fértil imaginação para buscar o “ponto fraco” do leitor e atingir sua consciência, a fim de fazê-lo pensar a realidade a partir de outro ângulo.

Em outras palavras, o escritor, ficcionista, além de simplesmente relatar com literalidade a preciosidade do cotidiano em forma de crônica, ele captava suas trivialidades, analisava comportamentos, pontos de vista para, através do irreal, pôr o leitor em real sintonia com o mundo. Assim, levando-o à comoção com a problemática social, com o individualismo exacerbado do ser humano, a falta de valores, o consumismo, modismo, falta de personalidade.

A obra de Moacyr tem boa recepção, considerando que se trata da representação da vida humana. Seus personagens são alegóricos, sugerem o homem real, com sentimentos e conflitos. Além disso, o humor negro e o sarcasmo utilizados por meio de uma escrita concisa, breve, precisa, sem exageros, sempre foram bons artifícios para encantar a massa, tão aflita em busca de informação rápida, pela qual forma suas opiniões, ainda que efêmeras, ou amadurece sua visão de mundo.

De modo geral, quando se fala em prosa contemporânea, incluindo o autor em questão, pode-se citar como características a heterogeneidade, a multiplicidade de temas, a renovação, a originalidade e a narrativa de autoconsciência que incita diálogos.

Em suma, as crônicas de Scliar publicadas na Folha de São Paulo constituem-se de um hibridismo de realidade e ficção. Textos que mantêm os principais traços dessa literatura contemporânea.

São textos muito lidos e utilizados até hoje, inclusive no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCLIAR, Moacyr. **O imaginário cotidiano**. 3º Ed. - São Paulo: Gaia, 2002.

SCLIAR, Moacyr. **Histórias que os jornais não contam**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Roda Viva - Moacyr Scliar. 2010.[visto em 02/5/2011]. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=H2LWNhRDMTk>>.

Moacyr Scliar. Disponível em <<http://www.scliar.org/moacyr/>>. Acesso em 05 maio 2011.

Academia Brasileira de Letras. Disponível em <<http://www.abl.org.br/>>. Acesso em 02 maio 2011.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Scliar e a diáspora de todos nós**. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/media/Scliar%20por%20Fl%C3%A1vio%20Loureiro%20Chaves.pdf>> Acesso em 10 maio 2011.

Moacyr Scliar, uma vida entre a literatura e a medicina. Disponível em <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Artigo.aspx?id=492>>. Acesso em 13 maio 2011.

Anexos

1. O casamento é virtual. A vida é real (2000)

O casamento é virtual. A vida é real

“Casamenteiro virtual: programas em desenvolvimento nos EUA analisam preferências do usuário e encontram compatibilidades na rede.”

Informática, 3 mai. 2000

Ele era um solitário. Ela também. Ele trabalhava todo o dia e depois, sem programa, voltava para casa. Ela também: trabalhava todo o dia e depois, sem programa, voltava para casa. Ele ficava até a madrugada navegando na Internet.

Ela também: ficava até a madrugada navegando na Internet. Foi assim que ambos descobriram um programa de computador destinado a aproximar solitários. Tudo o que tinham a fazer era enviar seus dados: idade, sexo, preferência.

Foi o que fizeram e, não surpreendentemente, o programa indicou que as chances de felicidade, numa vida em comum, eram de 99%.

Encontraram-se, saíram algumas vezes e, uns meses depois, estavam vivendo juntos. E aí surgiu o problema.

Não era com a comida: ambos gostavam das mesmas coisas. E não era com a cama, onde funcionavam muito bem (“Para mim foi bom. E para você?” “Para mim também foi muito bom”). Não, o problema era justamente com os computadores.

Ele só gostava de IBM, detestava Toshiba. Ela, pelo contrário, era fã do Toshiba, odiava IBM. Ele usava um computador de mesa, grande, com todos os acessórios. Ela usava um *laptop* minúsculo porque, achava, era um desperdício ocupar tanto espaço. Ele queria usar um *cable modem*, ela continuava adepta da linha telefônica. Enfim: não concordavam em nada nessa área.

A área que correspondia ao 1% de dúvidas, segundo o programa que os aproximara. Uma percentagem aparentemente insignificante, mas que agora se revela de decisiva importância.

Continuam morando na mesma casa, mas em quartos separados. E de lá enviam-se tórridas mensagens de amor. O programa é o mesmo. Os computadores é que são diferentes.

2. A cor dos nossos juros (2001)

A cor dos nossos juros

“Negro que compra carro nos EUA paga juro mais alto.”

Folha Dinheiro, 05 jul. 2001

No começo a taxa de juros para o comprador do automóvel era estabelecida mediante um critério puramente subjetivo: o vendedor olhava para o cliente, e, se se tratava de um branco a taxa era uma, se se tratava de um negro a taxa era outra. Mas as próprias empresas deram-se conta de que tal procedimento era falho. Entre branco e preto há muitas variações, e essas variações precisariam ser contempladas mediante taxas diferenciais. O problema era: como fazê-lo?

Um teste preliminar revelou que o olho do vendedor não era adequado para isso; o julgamento final dependia muito de concepções pessoais sobre a questão da cor da pele. E, como declarou um empresário do setor, preconceitos são incompatíveis com bons negócios.

Solicitou-se a ajuda de técnicos. Depois de muitas pesquisas, um aparelho foi criado, e recebeu o nome de

colorímetro-jurômetro. Basicamente tratava-se de uma célula fotoelétrica capaz de “ler” a cor da pele do cliente, distinguindo-a entre mais de trezentas tonalidades. Mediante um simples programa de computador, o resultado era transformado em um número, expressão da taxa de juros no financiamento. Nada pessoal, portanto.

O aparelho parecia a solução final do espinhoso problema. Mas, como às vezes acontece nesses casos, surgiram situações inesperadas. Uma revenda de automóveis recebeu a visita de um cliente albino. O aparelho foi aplicado à pele deste e o resultado surpreendeu o vendedor: a taxa de juros era negativa. Ou seja, o comprador deveria receber dinheiro, ao invés de desembolsá-lo. Também verificou-se que clientes brancos, depois de uma temporada de praia, eram taxados excessivamente, o que não parecia justo, e gerou protestos.

De momento, as revendas de automóveis estão pensando no que chamam de modelo brasileiro: uma taxa de juros democrática, igual para todos. E, sobretudo, muito elevada. O que tem uma dupla vantagem: eleva os lucros e dispensa aparelhos complicados.

3. Os inesperados problemas da educação (2003)

Os inesperados problemas da educação

Moacyr Scliar

Prefeitura no Ceará matricula até aluna morta. Para arrancar mais dinheiro do Fundef, 1.427 alunos fantasmas foram enxertados no censo escolar de 2003. Uma criança morta há dez anos acabou sendo matriculada.

Brasil, 4.set.2003

"Esta notícia não passa de uma grosseira distorção da realidade. O que de fato ocorreu foi um grande programa de inclusão de jovens nas escolas. Todos os jovens foram matriculados, independentemente até de sua vontade. Todos: "nenhum aluno sem escola" era o lema.

Claro, nem todos se apresentaram para as aulas. Houve uma menina, por exemplo, que não apareceu durante semanas, durante meses. Chegou o período de provas e com isso se criou um dilema: o que fazer com essa aluna ausente?

Uma ordem foi então dada: para evitar que perdesse o ano, seria ignorada a falta de frequência. Ela poderia comparecer ao colégio e fazer a prova. Mas não compareceu.

Nova ordem, então: a prova seria enviada para o endereço da aluna. O que efetivamente ocorreu. Nada. Nenhuma resposta.

Aventou-se a hipótese de que a prova fosse muito difícil. Foi decidido facilitar a tarefa. A questão que pedia os afluentes do Amazonas foi modificada: bastaria fornecer os afluentes da margem esquerda. De novo, nenhuma resposta foi recebida.

Seria ainda difícil a prova? Por ordem superior, houve uma reformulação no enunciado: "Tudo indica que o Javari é um afluente do Amazonas. É mesmo? Hein? O que você acha?".

Nada. Nenhum retorno. A essa altura, ficou claro que alguma coisa de anormal deveria estar ocorrendo. A aluna, matriculada, não aparecia, não dava respostas às perguntas, mesmo facilitadas. Conclusão: só poderia estar doente. E, se estivesse doente, ficaria

automaticamente dispensada da frequência às aulas e das provas. Desde que isso fosse devidamente documentado.

Mensagem urgente foi enviada aos pais solicitando que providenciassem atestado médico. E eles mandaram um atestado. De óbito.

O que é uma clara demonstração dos problemas enfrentados pela educação em nosso país. Pede-se um atestado médico, vem um atestado de óbito. Quando nem os pais atendem o que é solicitado, o que se pode esperar dos alunos? Os afluentes do Amazonas fluem inutilmente. Seu nome será esquecido para sempre."

Folha online, 22/9/2003

4. Memórias póstumas de um cadáver em Ipanema (2006)

Memórias póstumas de um cadáver em Ipanema

Moacyr Scliar

Um cadáver vindo do mar ficou ontem por cerca de seis horas na praia de Ipanema, a principal da zona sul do Rio. O cabo Renatti, do Corpo de Bombeiros, que trabalhou na retirada do homem do mar, diz que o cadáver deve ter sido lançado da favela do Vidigal, próxima de Ipanema. "A cabeça dele estava com marcas de violência. Pelo visto, ele pode ser sido morto e lançado ao mar por traficantes do Vidigal", disse Renatti. Apesar da cena inusitada e do mau cheiro causado pelo cadáver em decomposição, a rotina da praia praticamente não mudou. O trecho é freqüentado por jovens da zona sul. (Folha Cotidiano, 14 de janeiro de 2006)

"Realmente , não posso me queixar do Destino: acabei realizando meu sonho. É verdade que isto só aconteceu depois da morte, mas a maioria das pessoas nem isto consegue.

O meu sonho? A praia de Ipanema. Nasci e cresci na favela do Vidigal, ali perto. Muitas vezes passei pela praia, cheia de gente bonita, elegante, famosa. Nesses momentos eu entendia por que Ipanema é famosa em todo o mundo. O que só fazia aumentar minha admiração. Desde criança eu sabia cantar "Garota de Ipanema". Cantava tanto que meus pais me mandavam parar.

Minha mãe sabia de meu sonho e me aconselhava: desista, meu filho, aquilo lá não é para seu bico, quem nasceu no Vidigal nunca chega a Ipanema. Conte-se com o que você tem, estude e trabalhe bastante e, quem sabe um dia, Deus ajudando, você vai melhorar de vida.

Mas eu não desistia. Ao contrário, sempre que podia, corria para Ipanema. O Brasil pelo menos tem disso: as praias são públicas, qualquer um pode frequentá-las. Claro que eu ali destoava, mas dava um jeito de ficar vendendo sanduíche natural ou refrigerantes, ou mesmo pedindo esmola.

Só que com isso não dava para ganhar a vida. E eu precisava ajudar minha gente: meu pai paraplégico, minha mãe diabética... Acabei no tráfico. O que é que eu ia fazer? Era a maneira mais fácil de arranjar dinheiro. Mas até nisso tive azar: a gangue da qual eu fazia parte se desentendeu com uma outra. Na briga que se seguiu fui morto a pauladas. Quando jogaram meu corpo no mar, eu ainda estava agonizando e me lembro que pensei: ah, se pelo menos eu terminasse em Ipanema.

Minha prece foi ouvida e agora estou aqui, estendido na areia. É verdade que cobriram meu corpo com um plástico, mas, considerando que estou sem protetor solar, até que não foi má ideia. E, por outro lado, sinto-me feliz pelo fato de que minha presença não incomoda ninguém. As pessoas continuam ao sol, jogando bola, conversando, tomando banho de mar. Ainda há pouco disse um rapaz, perto de mim: "Fazer o quê? As férias são curtas e temos de nos divertir de qualquer jeito". Você está certo, meu jovem amigo. Não só as férias são curtas, a vida também. Agora, Ipanema sempre é um consolo. E um bom assunto para memórias póstumas."

Folha de São Paulo, 16/1/2006

5. Lágrima e testosterona (2011)

Lágrimas e testosterona

Moacyr Scliar

Atenção, mulheres, está demonstrado pela ciência: chorar é golpe baixo. As lágrimas femininas liberam substâncias, descobriram os cientistas, que abaixam na hora o nível de testosterona do homem que estiverem por perto, deixando o sujeito menos agressivo. Os cientistas queriam ter certeza de que isso acontece em função de alguma molécula liberada — e não, digamos, pela cara de sofrimento feminina, com sua

reputação de derrubar até o mais insensível dos durões. Por isso, evitaram que os homens pudessem ver as mulheres chorando. Os cientistas molharam pequenos pedaços de papel em lágrimas de mulher e deixaram que fossem cheirados pelos homens. O contato com as lágrimas fez a concentração da testosterona deles cair quase 15%, em certo sentido deixando-os menos machões. (Publicado no caderno Ciência, 7 de Janeiro de 2011)

Ele vivia furioso com a mulher. Por, achava ele, boas razões. Ela era relaxada com a casa, deixava faltar comida na geladeira, não cuidava bem das crianças, gastava de mais. Cada vez porém, que queria repreendê-la por urna dessas coisas, ela começava a chorar. E aí, pronto: ele simplesmente perdia o ânimo, derretia. Acabava desistindo da briga, o que o deixava furioso: afinal, se ele não chamasse a mulher à razão, quem o faria? Mais que isso, não entendia o seu próprio comportamento. Considerava-se um cara durão, detestava gente chorona.

Por que o pranto da mulher o comovia tanto? E comovia-o à distância, inclusive. Muitas vezes ela se trancava no quarto para chorar sozinha, longe dele. E mesmo assim ele se comovia de uma maneira absurda.

Foi então que leu sobre a relação entre lágrimas de mulher e a testosterona, o hormônio masculino. Foi urna verdadeira revelação. Finalmente tinha uma explicação lógica, científica, sobre o que estava acontecendo. As lágrimas diminuíram a testosterona em seu organismo, privando-o da natural agressividade do sexo masculino, transformando o num cordeirinho.

Uma ideia lhe ocorreu: e se tomasse injeções de testosterona? Era o que o seu irmão mais velho fazia, mas por carência do hormônio.

Com ele conseguiu duas ampolas do hormônio. Seu plano era muito simples: fazer a injeção, esperar alguns dias para que o nível da substância aumentasse em seu organismo e então chamar a esposa à razão.

Decidido, foi à farmácia e pediu ao encarregado que lhe aplicasse a testosterona, mentindo que depois traria a receita. Enquanto isso era feito, ele, de repente caiu no choro, um choro tão convulso que o homem se assustou: alguma coisa estava acontecendo?

É que eu tenho medo de injeção, ele disse, entre soluços. Pediu desculpas e saiu precipitadamente. Estava voltando para casa. Para a esposa e suas lágrimas.

Moacyr Scliar, que morreu no último dia 27/02/2011, à 1h. aos 73 anos, escrevia na coluna "Cotidiano" do jornal "Folha de São Paulo", às segundas-feiras um texto de ficção baseado em notícias publicadas no jornal. Esta é a última coluna do médico e escritor publicada naquele espaço. Texto enviado à Folha em, 11/1/2011